

A UTOPIA DE *EL PAÍS DE LAS MUJERES* A PARTIR DO RISCO DA ESSÊNCIA E DO GINOCENTRISMO: UMA ESTRATÉGIA POLÍTICA

*The Utopia of El País de las Mujeres from the Risk of Essence and Gynocentrism: A
Political Strategy*

Giovanna de Araújo LEITE

Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade

Universidade Estadual da Paraíba

giovannaleite@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-5585-3180>

RESUMO: *El país de las mujeres*, da autora nicaraguense Gioconda Belli, constrói uma representação utópica de uma sociedade alicerçada na Ginocracia, provocando uma espécie de autocrítica das bases humanistas, pois estas últimas consideraram a relação entre sexo e o gênero feminino como negativas, presentes em Beauvoir (1967) quando afirmou a palavra mulher ligada ao estado da educação e dos costumes e negou o potencial biológico feminino dos processos reprodutivos como positivos para a própria emancipação da mulher. Na obra, há o desejo de que homens e mulheres reconheçam os valores da feminilidade tradicional, historicamente tidos como os biológicos (maternidade e maternagem, o cuidado e o contato), sejam transcendidos do espaço doméstico para o espaço público. A problemática é como o “risco da essência”, discutido por Fuss (2017), pode contribuir para o entendimento de que o espaço público, antes dominado pelos homens, é dominado pelas mulheres em uma Utopia do Felicismo, de base ginocentrista. O objetivo geral é refletir sobre a utopia no desejo latente de se (re)pensar e questionar os efeitos do patriarcado na América Latina. A pesquisa é de caráter bibliográfico e crítico-literário-feminista com base em Fuss (2017); Bloch (2005); Freire (1997); Cavalcanti (2017); Vergès (2020), entre outros.

PALAVRAS-CHAVES: Utopia; Decolonialidade; Risco da Essência; Gioconda Belli.

ABSTRACT: *El País de las Mujeres*, by Nicaraguan author Gioconda Belli, builds a utopian representation of a society based on Gynocracy, provoking a kind of self-criticism of the humanist bases, since the latter considered the relationship between sex and the female gender as negative, present in Beauvoir (1967) when she affirmed the word woman linked to the state of education and customs and denied the female biological potential of reproductive processes as positive for the emancipation of women. In the work, there is a desire for men and women to

recognize the values of traditional femininity, historically seen as biological (maternity and mothering, care and contact), to be transcended from the domestic space to the public space. The problem is how the “risk of essence” discussed by Fuss (2017) can contribute to the understanding that the public space previously dominated by men is dominated by women in a Utopia of Felicismo, with a gynocentrist base. The general objective is to reflect on utopia in the latent desire to (re)think and question the effects of patriarchy in Latin America. The research is bibliographic and critical-literary-feminist based on Fuss (2017); Bloch (2005); Freire (1997); Cavalcanti (2017); Vergès (2020), among others. **KEYWORDS:** Utopia; Decoloniality; Essence Risk; Gioconda Belli.

INTRODUÇÃO

A obra *El país de las mujeres* (2011), publicada no Brasil e escrita pela autora nicaraguense Gioconda Belli, constrói uma sociedade alicerçada em bases feministas ginocráticas e, ao mesmo tempo, provoca uma espécie de autocrítica das bases humanistas do feminismo da Segunda Onda, que considerou a relação entre o sexo e o gênero feminino como negativa, negando o potencial biológico feminino dos processos reprodutivos da mulher, sem valorizá-los como positivos e afirmativos para a própria emancipação da mulher.

O romance em estudo apresenta a história de uma jornalista e apresentadora de televisão, Viviana Sansón, como uma mulher feminista que traz para a política ações governamentais que visam modificar e enfraquecer a forma patriarcal de governar um país. Na obra, a desigualdade social e de gênero propiciam às mulheres lideradas pela protagonista uma revisão de como buscar radicalmente medidas governamentais em prol da equidade de gênero nas relações humanas e de trabalho.

O preceito que prevaleceu na Segunda Onda do Feminismo foi extraído principalmente de Beauvoir (1967), que defendeu, em *O Segundo Sexo*, o fato de a palavra mulher ou do termo feminino estarem ligados ao estado atual da educação e dos costumes e, desta forma, a feminilidade estaria limitada à reprodução da espécie, ao invés de uma existência individual, pois a própria biologia feminina, segundo a filósofa francesa, seria a responsável por enraizar as mulheres na imanência.

Em *El país de las mujeres*, é perceptível, na narração, o desejo de que homens e mulheres reconheçam os valores da feminilidade tradicional e essencialista, não mais delegados apenas às mulheres ou historicamente negligenciados pelo feminismo da Segunda Onda, pois, como supracitado, estes postularam como negativos toda e qualquer relação da maternidade por serem os motivos que desencadearam a opressão para as mulheres. Beauvoir (1967) argumentava que as questões biológicas inerentes à mulher, como a maternidade, por exemplo, poderiam ser motivos de dominação do homem para com a mulher, aprisionando o sexo feminino para o cuidado exclusivo dos/das filhos/as. Nessa esteira, “agraciados” pela característica biológica da mulher de gerar a vida, os homens, em decorrência do fator biológico, delegaram politicamente e institucionalmente a função do cuidado doméstico unicamente à mulher.

Posto isto, em *El país de las mujeres*, a narração transcorre justamente em uma outra via de argumentação: a de que o fator biológico da maternidade não é somente pertencente à mulher, visto que a *maternagem* seria obrigação de ambos os sexos, ou seja,

não mais estabelecida como uma exclusividade de vínculo sanguíneo entre mãe e filho/a, mas um vínculo de afeto social de todos os gêneros para com os cuidados dos/as filhos/as e o cuidado doméstico.

Quanto à maternagem, evidencia-se que não é mais exercida unicamente pela mãe, sendo dividida com outras pessoas ou instituições, prática também já realizada na Idade Média. Entretanto, ao contrário do que ocorria naquela época, não podemos considerar que por conta disso possa ser considerada como desvalorizada, pois, muitas vezes, deixar o cuidado do filho sob a supervisão de terceiros é a única alternativa para que a mãe possa trabalhar e assim contribuir para o sustento (essencial ou não) da família. [...] As mudanças na maneira como as sociedades ocidentais lidam com as questões relativas à procriação e ao cuidado com os filhos aparecem como resultado da interação entre as condições materiais da existência e as transformações do pensamento e do imaginário social. Isto faz com que os significados atribuídos aos relacionamentos e aos papéis sociais se modifiquem e passem a demandar novas adaptações nos diversos contextos sociais. A reflexão sobre a construção social da maternidade e da maternagem ao longo do tempo pode favorecer a discussão sobre as demandas das novas configurações familiares frente a uma realidade que muitas vezes só atende aos tradicionais modelos familiares (GRADVOHL; OSIS; MAKUCH, 2014, p. 60-61).

Nesse sentido, mostro que neste romance contemporâneo nicaraguense há reflexões em torno das práticas em defesa da equidade de gênero, entre homens e mulheres, a partir de um governo presidido por uma mulher consciente e politicamente engajada, como Viviana Sansón, que juntamente com outras mulheres do Partido da Esquerda Erótica -PEE buscam ressignificar o sentido biológico da mulher, entendendo a maternidade como uma prática de maternagem dentro da sociedade, onde mulheres e homens são responsáveis pelo cuidado doméstico e precisam ser remunerados para isso.

A luta da protagonista de *El país de las mujeres* demonstra que as questões das mulheres ainda não foram superadas na América Latina, pois o discurso opressivo em torno das relações desiguais de trabalho ainda permanece com bastante força nos países do eixo sul do planeta. Neste ínterim, a obra me fez refletir, partindo do pensamento decolonial de autocrítica, acerca do próprio feminismo desenvolvido no eixo eurocêntrico e como o eixo sul faz uma espécie de “réplica” a tudo que já foi escrito sobre isso. Como afirma Vergès (2020, p. 43), “reescrever a história do feminismo desde a colônia é primordial para o feminismo decolonial. Não podemos nos contentar em pensar a colônia como uma questão subsidiária da história”.

Viviana Sansón, jornalista e apresentadora de televisão, ao ser eleita presidenta de Fátguas, pelo PEE, derrota o grupo centenário de homens que governava aquele país e determina a retirada imediata de todos eles do serviço público e político de Fátguas, a fim de que as relações de opressão dos homens para com as mulheres fossem, pelo menos, enfraquecidas, a partir do decreto unilateral e temporário de que aos homens seria permitido apenas o trabalho no espaço doméstico, visando, com isso, reconstruir uma nova possibilidade de governança, com mais equidade entre os gêneros.

A atitude política de Viviana Sansón traduz uma vontade de demonstrar que a maternidade, por ser uma instituição cultural e biológica, foi, ao longo de centenas e centenas de anos, uma forma de opressão às mulheres, pois os homens delegaram politicamente que somente a elas era obrigatório o cuidado com os afazeres domésticos e com os/as filhos/as. Percebi, desta forma, que o romance apresenta a estratégia do ‘risco da essência’, defendido pela teórica Diana Fuss (2017), que mostra a necessidade de, ainda na contemporaneidade, ser necessário buscar elementos do essencialismo biológico para contra-argumentar questões ainda não superadas pelos movimentos do feminismo de Segunda Onda, que se ampara fortemente pelo Construcionismo do pensamento de Simone de Beauvoir (1967).

A reflexão da teórica Diana Fuss (1989) é de extrema importância para este estudo, isso porque ela propõe um pensamento mais afinado sobre os termos essencialismo e construcionismo, de modo que, o primeiro, de acordo com a estudiosa, tem sido alvo de reações muito negativas pelo próprio Feminismo, mas que, paradoxalmente, o essencialismo pode contribuir positivamente para uma luta feminista mais crítica e lúcida de cunho progressista, quando utilizado de forma estratégica e política, a fim de mobilizar os sujeitos excluídos e “despossuídos” da cultura.

Quando posto em prática pelos próprios despossuídos, o essencialismo pode ser poderosamente deslocador e desestabilizador. Para mim, isso sinaliza uma forma excitante e nova de repensar o problema do essencialismo; representa uma abordagem que avalia as motivações por trás do emprego do essencialismo ao invés de prematuramente descartá-lo como um triste vestígio do patriarcado (por si uma categoria essencialista) (FUSS, 1989, p. 32).

No trecho acima, Fuss (1989) esclarece a necessidade estratégica do essencialismo como possibilidade de favorecer coalizões de grupos voltados para a *práxis* política e à revisão crítica de seus usos, apontando o perigo do antiessencialismo,

localizado nas teorias construcionistas, pois estes também podem, paradoxalmente, se “re-essencializarem”. Assim, a teórica proporciona reflexões fundamentais, no sentido de pensar tanto o essencialismo como o antiessencialismo como elementos reacionários, apontando a necessidade de se pensar “o risco da essência” como estratégico, a fim de evitar a ausência de atividade feminista embasada em coalizões possíveis e em políticas identitárias, proporcionando, desta forma, a possibilidade de se liberarem energias fundamentais para a geração de tensões em debates nos chamados “campos minados” dos feminismos, dos Estudos de Gênero e Estudos *Queer*, favorecendo a produção de um pensamento crítico e maduro dos feminismos contemporâneos.

Assim, a problemática apontada no estudo presente é como o “risco da essência”, discutido pela teórica Fuss, contribui para o entendimento da sociedade de *El país de las mujeres*, entendendo que o espaço público, antes dominado pelos homens, agora é dominado pelas mulheres em uma Utopia do Felicismo, de base ginocentrista, onde o poder político está totalmente sob o comando delas. O objetivo geral é refletir sobre a utopia de transformação do pensamento patriarcal para uma sociedade ginocentrista, compreendendo o desejo latente de se (re)pensar e questionar os efeitos do patriarcado e do machismo na América Latina, pois o país de Fúguas é uma espécie de alegoria de países latinoamericanos.

A UTOPIA DE *EL PAÍS DE LAS MUJERES* A PARTIR DO ‘RISCO DA ES-SÊNCIA’ E DO GINOCENTRISMO: UMA ESTRATÉGIA POLÍTICA DE TRANSFORMAÇÃO DA DESIGUALDADE DE GÊNERO E DE TRABALHO EM FÁGUAS

Viviana Sansón, juntamente com suas companheiras membras do Partido da Esquerda Erótica -PEE, formado por Eva Salvatierra, Martina Meléndez, Rebeca de los Ríos, Ifigênia Porta e Juana de los Ríos, ao divulgar nos veículos de comunicação denúncias sobre a criação de um pinguim dentro da casa de um magistrado, do governo dos homens, liderado por Paco Puertas, no país imaginário de Fúguas, abre uma fenda de reflexão e dá o pontapé para as pessoas pensarem as políticas públicas de um país latinoamericano sob o regime de Paco Puertas, político ligado à ditadura centenária de Fúguas.

O governo dos homens é apresentado na obra como responsável por desviar verbas públicas para a manutenção milionária de um pinguim em uma câmara gelada que, além de manter o animal preso, era palco de uma rede de tráfico de adolescentes do

sexo feminino. As garotas traficadas sofriam violências sexuais dentro destas câmaras de gelo, enquanto a população do país sobrevivia em meio à extrema miséria. Viviana Sansón é indicada pela imprensa e por parte da população revoltada para se candidatar na campanha para presidenta, apoiada pelo Partido da Esquerda Erótica -PEE.

Viviana Sanson consegue se eleger presidenta (os arroubos masculinos foram neutralizados ou pacificados pela química expelida pelo vulcão Mitre) e decreta uma lei que exclui todos os homens do serviço estatal, obrigando-os a trabalharem apenas no ambiente doméstico de forma temporária, sendo remunerados por isso. Apesar das dificuldades, o governo das mulheres consegue transformar a visão dos homens e das mulheres sobre os trabalhos domésticos como valorizados por e para ambos.

Em *El país de las mujeres* há o desejo de romper ou enfraquecer o domínio do patriarcado (centrado no individualismo, na competição, no domínio dos Outros), assim como o desejo de questionar o binômio essencialismo *versus* construcionismo presente na crítica feminista, encorajando uma atenção mais cuidadosa às especificidades culturais e históricas sobre as reais ameaças do essencialismo para a luta das mulheres contemporâneas, entendendo ser necessário que “tenhamos até o momento nos apressado em universalizar, mas por outro lado, excluído investigações mais ambiciosas sobre a especificidade e a diferença, ao fomentarmos uma certa paranoia em relação à percebida ameaça do essencialismo” (FUSS, 2017, p. 362). Opor a visão essencialista à construcionista não significa polarizar a questão de maneira binária, mas problematizar os prováveis imbricamentos desses modos de pensar e existir numa dialogia estratégica.

De modo mais evidente, a crítica ao essencialismo oriunda das áreas da crítica feminista e dos estudos de gênero geralmente o associa aos aparatos teórico-filosóficos, e também a outras tecnologias de gênero que herdamos de uma tradição ocidental falocêntrica e que ainda ecoa, por sua vez, desde Aristóteles, caracterizando as mulheres por meio de apelos a uma essência (percebendo-as, em decorrência, como naturalmente inferiores aos homens) [...] É porém, um outro viés, o da autocrítica feminista, que vem motivando ponderadas retomadas do tema, como é o caso da reflexão afinada e inovadora de Diana Fuss ao propor, no final da década de 1980, que o essencialismo precisava – e ainda precisa – ser ele mesmo ‘desessencializado’ em vez de facilmente descartado (CAVALVANTI, 2017, p. 392).

A estrutura do enredo do romance corrobora uma visão de mundo feminista em que a “essência” biológica da mulher é tomada como elemento afirmativo porque a mulher é aquela que gera vida, aquela que cuida, que mantém contato com o outro, e

esse caráter essencialista estimula e dá relevância à criação de uma política ginocrítica a ser estabelecida em um Estado, rompendo com a postura dos antigos governos de Fáguas, formado apenas por homens.

Coloca-se em prática uma Utopia, chamada na obra de “Utopia do Felicismo”, um lugar imaginário chamado Fáguas, onde os valores tradicionais da feminilidade, como o cuidado e a maternidade, são aspectos positivos, começando a ser feliz em casa, a partir do momento em que os homens também passam a entender a lógica do valor do trabalho doméstico, que foi relegado historicamente à mulher.

A Utopia do Felicismo concretiza no romance a possibilidade de o sujeito refletir, descobrir-se e conquistar-se historicamente, pois o governo das mulheres do PEE produz, por meio de suas práticas governamentais, reflexões sobre a realidade de opressão, à qual as mulheres vivenciaram centenariamente no país de Fáguas. Por intermédio da leitura de *El país de las mujeres*, percebi, na exclusão temporária de todos os homens do serviço público, uma espécie de “pedagogia”, fazendo uma analogia com o pensamento de Freire (2021, p.11), quando afirma que “o esforço totalizador da práxis humana busca retotalizar-se como prática da liberdade”, ou seja, o romance traz elementos totalizadores que buscam uma práxis libertadora, na esperança de uma outra sociedade, pautada na consciência e na reflexão construtiva de uma equidade entre os gêneros, partindo de atividades cotidianas, colocando os homens ativamente dentro do espaço doméstico e os afastando temporariamente do espaço público, liberando o oprimido (as mulheres) desta obrigação que fora destinada a elas historicamente. Como Freire (2021, p. 12) disse: “liberando o oprimido e o opressor numa ação reflexiva de criação e recriação”.

Nesse sentido, as ações governamentais das mulheres do PEE são, nesta obra, (re) criadas criticamente, de forma que o que antes se absorvia pela cultura do opressor, aprende-se por um outro modo, através da reciprocidade de consciências, pois, ao retirar os homens do poder público e os destinar ao espaço doméstico temporariamente, percebi criticamente o fato de os homens se colocarem no lugar tradicional, o qual a mulher sempre ocupou, tradicional e historicamente, criando, desta forma, processualmente, a consciência de equidade entre os gêneros e produzindo responsabilidades mútuas em ambos os espaços (público e privado). A Utopia do Felicismo é uma luta concreta pela equidade de gêneros, seja no trabalho, fora e dentro de casa, seja no amor, na educação, na política, entre outros.

Por isso, para Bloch é o momento da descoberta da felicidade que marca um fim, mas este é o fim do começo. A felicidade não exclui a possibilidade de infelicidade [...] A felicidade seria o encontro do ser possível, aquilo que os homens ainda não são e que lhes falta [...] (ALBORNOZ, 2006, p. 23).

Encontro, desta forma, uma correlação com o pensamento de Bloch (2005) sobre o sentido da utopia como a concretização de uma outra sociedade fora dos eixos de opressão, trazendo a felicidade não como um “sonho noturno” ou não alcançado, e sim, um “sonho acordado”, em que se transcende o próprio fazer cotidiano, do presente para o futuro. O “sonho acordado” acontece quando, na obra, o narrador, na voz da personagem presidenta Viviana Sansón, afirma com clareza que toda a luta do Governo das mulheres resultou na consciência de que os homens passaram a respeitar o trabalho doméstico e a reconhecer este trabalho juntamente com as mulheres, em que cada centro de trabalho passou a fazer da maternidade uma “maternagem”, isto é, todos mutuamente cuidaram uns dos outros, começando pelas mães e pelos pais atuando equitativamente a fim de proporcionar a garantia de uma sociedade saudável (BELLI, 2011).

O termo “sonho acordado”, de Bloch (2005), é a utopia concreta que transcende o presente para o futuro, “obrigando o homem a sair de si mesmo, a se arriscar na busca de satisfações que ainda não encontrou na realidade imediata” (ALBORNOZ, 2006, p. 30). As mulheres do PEE são pensadas, nas próprias palavras da líder, Viviana Sansón, numa postura pragmática de um outro governo construído somente por mulheres em Fáguas, que deseja uma outra sociedade amparada pela feminilidade tradicional, mas que não mais é oprimida nem oprime; que age sobre a história, provocando movimento e mudança, transcorrendo para uma reflexão sobre esta mudança promovida pelas próprias mulheres na política, gerando, por meio de ações governamentais, o reconhecimento do trabalho doméstico, que fora símbolo exclusivo da mulher pelo fato de ter sido confinado ao universo feminino.

[...] não me atreveria a propor essa experiência como um requisito imprescindível para que a sociedade reconheça as mulheres e as mulheres reconheçam a si mesmas, mas o que sei é que, em meu país, isso significou uma mudança profunda que valeu a pena (BELLI, 2011, p. 220).

No fragmento acima, extraído da narração em primeira pessoa da personagem Viviana Sansón, percebi uma reflexão em torno do seu impulso utópico de reformismo, contestação subjetiva pela mudança do estado das coisas presentes, um movimento de consciência e transformação em direção a uma outra sociedade e uma outra história. Esta reflexão subjaz uma aproximação com o pensamento de Bloch (2005), pois este autor trouxe em seus textos o desejo de uma esperança consciente e concreta que produz resultados:

[...] sem a força de um eu ou nós por detrás, até mesmo o ato de ter esperança se torna insípido. Na esperança consciente – ciente não há debilidade, mas uma vontade que determina: é assim que tem de ser, assim há de ser [...] [...] A dimensão profunda do fator subjetivo, porém, está no seu contragolpe justamente porque este não é apenas negativo, mas igualmente contém em si, a afluência de um êxito antecipável e representa essa afluência na função utópica (BLOCH, 2006, p. 146-148).

Autopia discutida por Bloch (2005) é recorrente implicitamente dentro de *El país de las mujeres*, isso porque a força e o desejo de mudança, impulsionados por Viviana Sansón e suas companheiras, alavancam o desenvolvimento de uma sociedade com menos desequilíbrios nas relações de trabalho entre os gêneros, ou seja, o trabalho doméstico é refletido como uma atividade de ambos os gêneros, a partir da atitude de exclusão temporária dos homens do espaço público para o espaço da casa (do lar).

A relação entre os gêneros é (re)pensada a partir da produção de uma outra prática política perante a própria constituição biológica e histórica do fazer feminino e masculino, pois há, nesta nova postura governamental, uma autocrítica das mulheres quanto às bases humanistas, que consideraram ao longo do tempo as bases biológicas da mulher como premissa para a opressão social, visto que havia o discurso nas bases humanistas da Segunda Onda do feminismo, de que a mulher, por ser responsável biologicamente de “dar à luz uma criança”, teria sido exclusivamente incumbida por cuidar de todos os âmbitos domésticos, ao mesmo tempo que se trata de uma crítica social ao patriarcado, que coloca o homem como único ser humano capaz de administrar uma sociedade e se isentar de cuidar do espaço doméstico.

Neste sentido, *El país de las mujeres* faz a reflexão do protagonismo da mulher e ao mesmo tempo utiliza o impulso utópico deste fazer feminino dentro da obra, trazendo à tona o Feminismo Ginocêntrico, isto é, a mulher como centro, uma forma de essencialismo na atividade política em nome das mulheres, sendo postas em evidência todas as virtudes inatas, assim como as práticas tidas tradicionalmente como femininas colocadas em evidência para ambos os gêneros (WRIGHT, 2018). Destarte, o princípio ginocrático acontece na obra, justamente como uma produção reflexiva de valorização do biológico e do social da mulher, juntamente com o impulso utópico de mudança de paradigma e enfraquecimento do patriarcado no país de Fátguas.

O feminismo ginocêntrico define a opressão das mulheres como a desvalorização e repressão de suas experiências por uma cultura masculinista que exalta a violência e o individualismo. O ginocentrismo defende a superioridade dos valores incorporados em experiências tradicionalmente femininas e rejeita os valores encontrados nas instituições

tradicionais dominadas por homens. Assim, o feminismo ginocêntrico contém uma crítica mais radical à sociedade dominada pelos homens que o feminismo humanista (YOUNG, 2006, p. 174).

Logo, ao perceber a mulher como protagonista em *El país de las mujeres*, em favor de uma mudança de paradigma em relação aos governos ditatoriais e masculinistas de Fátuas, bem como, ao trazer a importância da maternidade e maternagem, observei a configuração de uma “revanche” perante a postura masculinista e patriarcal, a qual se apresenta no Governo dos homens, no qual se delegou historicamente às mulheres a responsabilidade única de atuarem no espaço privado, cuidando dos filhos e da casa. É nessa seara que Belli (2011) se utiliza do risco da essência (FUSS, 2017) e joga com estes significados cristalizados socialmente, invertendo a lógica sexista, modificando, desta forma, o lugar de atuação das mulheres e dos homens temporariamente.

Percebi, a partir da leitura do romance, que a obra propõe que não há lugar para a mulher, mas que ainda se faz necessário se utilizar do ‘risco da essência’ para fazer pensar sobre o assunto, sugerindo que a mulher ainda se encontra lutando e negociando o espaço social da maternidade e maternagem, pois este ainda não foi superado e se encontra “na difícil negociação entre estes efeitos aparentemente contraditórios” (FUSS, 2017, p. 391). Os constructos socialmente determinados e pré-construídos como pertencentes às mulheres recaem em uma essência permanente, na qual a feminilidade original ou pura está ligada à imagem da mulher enquanto essência, imaculada e reprimida por uma ordem patriarcal, mas segue como ótica nesta ficção, no sentido de provocar o leitor para uma possível superação, mesmo que tardia ou limitante, na fatídica divisão de papéis de gênero entre homens e mulheres nos seus espaços público e privado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O princípio ginocêntrico acontece em *El país de las mujeres* - “O país das mulheres” - como uma reflexão para combater o sistema opressor do Governo dos homens em Fátuas, que foi pautado numa hierarquia sólida que fixou durante séculos os papéis desiguais de gênero, em que a mulher sempre teve uma dupla jornada de trabalho e, ao mesmo tempo, o homem sempre ocupou uma posição de privilégio perante a mulher, pois a ele nunca fora dado o papel de cuidar da casa, assim como a mulher, por sua vez, nunca fora dado o papel central de cuidar do país.

O romance contribui para a compreensão dos limites, tanto da postura essencialista e ginocentrista, quanto das posturas antiessencialista e construcionistas, que apontavam a ideia de que a mulher é produzida num espectro de discursos socialmente construídos, como natural a um efeito social, mas ao mesmo tempo, puseram o termo mulher como reessencializada. O pensamento de Fuss (2017) é bastante importante neste romance, e se encaixa muito bem na obra, por trazer a discussão dos círculos feministas sobre a questão do risco da essência, como uma necessidade de retomada reflexiva.

Por intermédio da implantação de um Estado Ginocrático, houve a possibilidade da Utopia do Felicismo como caminho possível para que homens e mulheres reconhecessem os valores da feminilidade tradicional (maternidade/maternagem, o cuidado e o contato) e, transcendidos para a esfera pública no país de Fágua, fossem observadas as reformas realizadas dentro de Fágua, oferecendo uma importante discussão acerca dos debates dos círculos feministas quando questionavam o essencialismo e apontavam para o risco da essência como sendo ainda necessário para desessencializar a luta sexista entre homens e mulheres.

A inversão de papéis de gênero entre homens e mulheres na gestão da sociedade (dentro e fora) de casa e os valores da feminilidade tradicional (maternidade/maternagem, o cuidado e o contato) foram reconhecidos a partir do momento que este trabalho foi transcendido para a esfera pública, antes confinado ao espaço doméstico. Neste sentido, conclui-se que, em “O país das mulheres”, foi possível enfraquecer o patriarcado em Fágua, utilizando-se do essencialismo estratégico ginocrático.

REFERÊNCIAS

ALBORNOZ, S. **Ética e utopia**: ensaio sobre Ernst Bloch. 2. ed. Porto Alegre: Ed. Unisc; Movimento; Santa Cruz do Sul, 2006.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**: a experiência vivida. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BELLI, G. **O país das mulheres**. Tradução de Ana Resende. Campinas: Verus, 2011.

BLOCH, E. **O princípio da esperança**. Tradução de Nélio Schneider. Rio de Janeiro: Eduerj Contraponto, 2005. v. 1.

CAVALCANTI, I. Diana Fuss: “desessencializando” o essencialismo. *In*: BRANDÃO, Izabel *et al* (Org). **Traduções da Cultura**: Perspectivas Críticas Feministas (1970-2010). Florianópolis: EDUFAL; Editora da UFSC, 2017. p. 398–406.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 80. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FUSS, D. O ‘risco’ da essência. Ildney Cavalcanti. *In*: BRANDÃO, Izabel *et al* (Org). **Traduções da Cultura**: Perspectivas Críticas Feministas (1970-2010). Florianópolis/SC: EDUFAL; Editora da UFSC, 2017. p. 362–397.

FUSS, D. The Risk of Essence. *In*: FUSS, D. **Essentially Speaking**: Feminism, Nature & Difference. New York & London: Routledge, 1989. p. 1–21.

GRADVOHL, S. M. O.; OSIS, M. J. D; MAKUCH, M. Y. Maternidade e formas de maternagem desde a Idade Média à atualidade. **Pensando famílias**, jun. 2014, p. 55–62.

WRIGHT, P. **Ginocentrismo**. Livro digital Kindle. Barcelona: Editora Spanish Edition, 2018.

YOUNG, I. M. Humanism, Gynocentrism, and Feminist Politics. *In*: HACHETT, Elizabeth; HASLANGER, Sally Anne. **Theorizing Feminisms**: A Reader. New York: Oxford University Press, 2006. p. 174–187.

VERGÈS, F. **Um feminismo decolonial**. Tradução de Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

Recebido em: 22 ago. 2022

Aceito em: 2 set. 2022